

## ‘Temos a preocupação de escolher um tema para o evento com alto significado científico e social’

Responsável pela implantação do Congresso de Iniciação Científica na FARN, o Diretor-Geral da Instituição, o Professor Daladier Cunha Lima, é considerado um dos maiores incentivadores da busca por novos conhecimentos, envolvendo toda a comunidade acadêmica nessa procura. Como ocorre a cada edição do evento, ele confere de perto cada trabalho apresentado pelos estudantes e anima-se com o que vê. Nesta entrevista, Daladier faz uma análise do congresso, emite sua opinião sobre os diferenciais da FARN e os novos planos.



**Mais uma edição do Congresso de Iniciação Científica da FARN foi realizada de forma tranquila. No que esta edição diferenciou das anteriores?**

A cada ano melhora o Congresso de Iniciação Científica da FARN, tanto em quantidade quanto em qualidade. Refiro-me à qualidade de organização e, principalmente, das palestras, porque os trabalhos anteriores também foram muito bons. Este ano, destaca-se a conferência de Clóvis Barros, na abertura, que foi excelente.

**O senhor sempre está presente no Congresso, seja observando as apresentações, seja como espectador das palestras e minicursos, mas, especialmente, fazendo questão de compor a mesa da premiação. O que o evento representa para o senhor?**

Faço questão de participar do Congresso porque me empolga a motivação de todos, com ênfase para os estudantes. Há muitos anos, sou envolvido na iniciação científica, inclusive com a implantação da atividade na UFRN, em 1988, durante o meu reitorado. Na FARN, a IC integra o próprio projeto pedagógico da Instituição. FARN e IC é um binômio inseparável.

**Como se dá a escolha do tema central, todos os anos, e em que se baseou a escolha deste ano?**

Sempre há a preocupação na escolha de um tema que tenha alto significado científico e social. A escolha é coletiva sob a coordenação

do Professor Aluisio Alberto Dantas, presidente do Congresso.

**Esta é a segunda edição da Revista ‘Novas Idéias’, mas, desde a primeira edição do Congresso, a FARN sempre fez questão de produzir uma publicação jornalística. Como o senhor avalia essa divulgação anual?**

Até 2006, era editado um jornal para ser encartado no Diário de Natal, o que foi uma ótima experiência. Tudo na FARN é feito pensando sempre em crescer e melhorar. Assim, nasceu a Revista Novas Idéias. Além da

revista, que faz uma panorâmica do Congresso, existem os Anais, em que estão os resumos de todos os trabalhos apresentados.

**É evidente que, a cada ano, essa mobilização provocada pelo Congresso aumenta o interesse nos alunos pela pesquisa. Ainda falta algo no evento ou ele já tem um formato consolidado?**

O formato do Congresso de Iniciação Científica da FARN já alcançou um alto padrão de qualidade. No entanto, ainda vai melhorar, principalmente no tocante ao número de alunos participantes. Este ano, foram mais de 600 trabalhos produzidos e apresentados. Se a média de participação for de 2,5 alunos por trabalho, teremos mais da metade dos discentes da Faculdade envolvidos na iniciação científica. Esse número é um dos maiores do Brasil, mas ainda queremos melhorar.

**A FARN já possui Pós-Graduação, mas não em nível de mestrado e doutorado. Quais as previsões para que isso ocorra e, além disso, que ela se torne uma Universidade?**

Temos a Pós-Graduação *lato sensu*, com mais de 20 cursos em andamento. A Pós-Graduação *stricto sensu* virá em tempo oportuno. É claro que ser universidade é bom, mas é bom mesmo para a instituição. Para o aluno, tanto faz ser universidade ou faculdade. Dois exemplos: a Fundação Getúlio Vargas e ESPM, situadas entre as melhores instituições de ensino superior do país, são faculdades. Para o aluno, o que interessa mesmo é que exista qualidade. Isso é o que importa. É isso que a FARN tem, e disso não abrimos mão.